

AGROFLORESTA:

NA RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE



Ficha Catalográfica

R175a Ramos, Betânia.

Agrofloresta: na recuperação de áreas de preservação permanente./
Alexandre Henrique Pires, Catarina de Angola. Recife: Centro Sabiá, 2013.
36 p.: il. (Série: Conhecimentos)

Projeto Riachos do Velho Chico

Inclui bibliografia

1. Agrofloresta. 2. Áreas de preservação permanente - recuperação.
3. Projeto Riachos do Velho Chico. I. Ramos, Betânia. II Pires, Alexandre Henrique. III. Angola, Catarina de. IV. Título. V. Série

CDU 630

Bibliotecária responsável: Marleide Irineu dos Santos – CRB-4/1001

**AGROFLORESTA:
NA RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DE
PRESERVAÇÃO PERMANENTE**

*"Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no 'mei' do mar..."*

(Riacho do Navio, Luiz Gonzaga e Zé Dantas)

EXPEDIENTE

Esta é uma publicação do **Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá**.

Rua do Sossego, 355, Santo Amaro Recife/PE – CEP: 50050-080 – Fone/Fax (81) 32237026/3323
e-mail: sabia@centrosabia.org.br | www.centrosabia.org.br | **Diretoria - Presidente:** Jones Severino Pereira. **Vice-presidente:** Ivonete Lídia Vieira. **Secretária:** Joana Santos. **Conselho Fiscal:** Rivaneide Almeida, Tone Cristiano e Sandra Rejane. **Coordenação – Coordenador Geral:** Alexandre Henrique Bezerra Pires. **Coordenador de Articulação Política:** Adeildo Fernandes | **Gerência Administrativo Financeira:** Verônica Batista | **Equipe Técnica:** Alberto Barros, Ana Santos da Cruz, Antônio Bezerra Júnior, Carlos Magno de Medeiros Morais, Ewerton França, Gleidson Amaral, Jacinta Gomes, Janaina Ferraz, Júlio Valério de Oliveira, Lucimário Almeida, Maria Edineide de Oliveira, Miriam Lima, Nicléia Nogueira, Paulo Portes, Raimundo Daldemberg, Rosana Paula da Silva, Welligton Gouveia, Victor Barbosa e Vilma Machado. **Equipe Administrativa:** Darliton Lima, Demetrius Falcão, Edilene Barbosa, Iran Severino da Conceição, Jullyana Lucena, Pedro Eugênio, Vânia Luiza e Jackson Helder de Oliveira (estagiário). **Núcleo de Mobilização de Recursos:** Maria Cristina Aureliano.

Produção do Núcleo de Comunicação do Centro Sabiá:

Laudenice Oliveira (DRT/PE - 2654)
Nathália D'Emery (DRT/PE - 3037)
Sara Brito e Morgana Narjara (estagiárias)

Textos: Betânia Ramos, Alexandre Henrique Pires, Catarina de Angola, Ariagildo Vieira, Cláudio Almeida e Iêda Simão.

Edição de texto: Catarina de Angola (DRT/PE - 4477) e Elka Macedo (DRT/BA - 4280)

Colaboração: Nathália D'Emery e Laudenice Oliveira

Projeto Gráfico: Alberto Saulo

Ilustrações: Jorge Verdi

Diagramação: Rodrigo Sarmento

Revisão ortográfica: Andréa Luz e Kalinne Medeiros

O trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações:

Heifer, Misereor/KZE, terre des hommes schweiz, CESE, União Europeia, Caixa Econômica Federal – Fundo Socioambiental, Fundo Nacional sobre Mudanças no Clima (FNMC), Fundo Brasileiro para Biodiversidade (Funbio), Petrobras, ministérios do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Desenvolvimento Agrário: Projeto Dom Helder Camara (PDHC) e Agência Pernambucana de Águas e Clima (APAC).

Tiragem: 1.500 (hum mil e quinhentos) exemplares.
Recife/2013

ÍNDICE

Apresentação.....	05
Capítulo 1 - Agrofloresta: um caminho que revitaliza.....	07
1.1 - Agrofloresta.....	07
1.2 - Agrofloresta e Convivência com o Semiárido.....	08
1.3 - Os Efeitos Negativos da Agricultura Convencional.....	09
Capítulo 2 – Revitalização de Áreas de Preservação Permanente (APPs) com Agrofloresta.....	10
2.1 - A Importância de Revitalizar e Preservar as Matas Ciliares.....	10
2.1.1 - Como proteger as Matas Ciliares?.....	11
2.1.2 - Como recuperar uma área de Mata Ciliar?.....	12
2.2 - Implantando uma Agrofloresta.....	13
2.2.1 - A Prática Agroflorestal.....	17
Capítulo 3 – Projeto Riachos do Velho Chico: a experiência de revitalização e preservação de Matas Ciliares no Sertão de Pernambuco, com Agrofloresta.....	23
3.1 – Encontros Comunitários de Preparação das Atividades.....	25
3.2 – Juventude Multiplicadora de Conhecimentos.....	26
3.3 – A Educação Ambiental Contextualizada nas Escolas.....	27
3.4 – O Rádio e o Poder de Divulgação das Experiências.....	28
3.5 – A Revitalização dos Riachos Frazão e Queimada.....	29
3.5.1 - Coleta de Sementes Nativas.....	29
3.5.2 – Mutirões para Construção de Barragens Subterrâneas.....	30
3.5.3 – Instalação de Viveiros e Produção de Mudas.....	31
3.5.4 – Mutirões para a Construção de Cercas nas Margens dos Riachos.....	32
3.5.5 – Mutirões de Plantio de Mudas.....	33
Capítulo 4 – Uma Nova Realidade se Inicia no Sertão de Pernambuco.....	34
Referências Bibliográficas.....	36

APRESENTAÇÃO

Apresentamos a primeira publicação da *Série Conhecimentos*. Ela foi idealizada pelo Centro Sabiá para valorizar e sistematizar os conhecimentos da agricultura familiar e as suas inovações simples e replicáveis de convivência com o ambiente. A *Série Conhecimentos* pretende multiplicar as inovações utilizadas por agricultores e agricultoras, seja no cuidado com a natureza, na produção de alimentos ou na criatividade das diversas formas de guardar água, sementes, forragem e outras formas de lidar com a terra.

Esta cartilha, *Agrofloresta na Recuperação de Áreas de Preservação Permanente*, é o primeiro fruto desta Série. Ela traz a prática da Agrofloresta como inovação na recuperação de Áreas de Preservação Permanente (APP's). Experiência vivenciada nos territórios dos sertões do Pajeú e Araripe, em Pernambuco, a partir da ação do Projeto Riachos do Velho Chico, iniciativa do Centro Sabiá e Caatinga, com patrocínio da Petrobras, através do Programa Petrobras Ambiental.

Durante dois anos de execução, o Projeto Riachos do Velho Chico envolveu agricultores e agricultoras, jovens, associações, escolas e poder público na recuperação dos riachos Frazão e Queimadas, que integram rios que deságuam no rio São Francisco. Uma forma de cuidar da preservação da vida do Velho Chico, como é carinhosamente conhecido, a partir de suas nascentes.

A cartilha traz a metodologia de recuperação de Matas Ciliares, baseada no conhecimento das famílias agricultoras e camponesas. A recuperação se deu com a prática dos Sistemas Agroflorestais (SAFs). Uma forma de garantir a preservação das matas e a produção de alimentos saudáveis, gerando segurança alimentar e hídrica às famílias.

A juventude das comunidades também participa desse processo. Os *Jovens Guardiões Ambientais* multiplicaram conhecimentos em suas comunidades rurais. Contribuíram para que as famílias agricultoras refletissem sobre suas práticas e levaram para escolas e associações a Educação Ambiental no contexto do Semiárido. E utilizaram o Rádio como ferramenta para partilhar essa ação em seus territórios.

Esperamos que esta cartilha motive outras ações de cuidado com nossos rios e riachos e incentive a prática Agroflorestal. Desejamos também que ela contribua com a ação de outras famílias agricultoras e camponesas, assim como possa servir de referência à sociedade e ao poder público na construção de ações e políticas de preservação e recuperação de Matas Ciliares. Uma forma de cuidar de nossas terras, águas e de valorizar os conhecimentos das populações que as cercam.

Boa Leitura!

1. AGROFLORESTA: UM CAMINHO QUE REVITALIZA

1.1. AGROFLORESTA

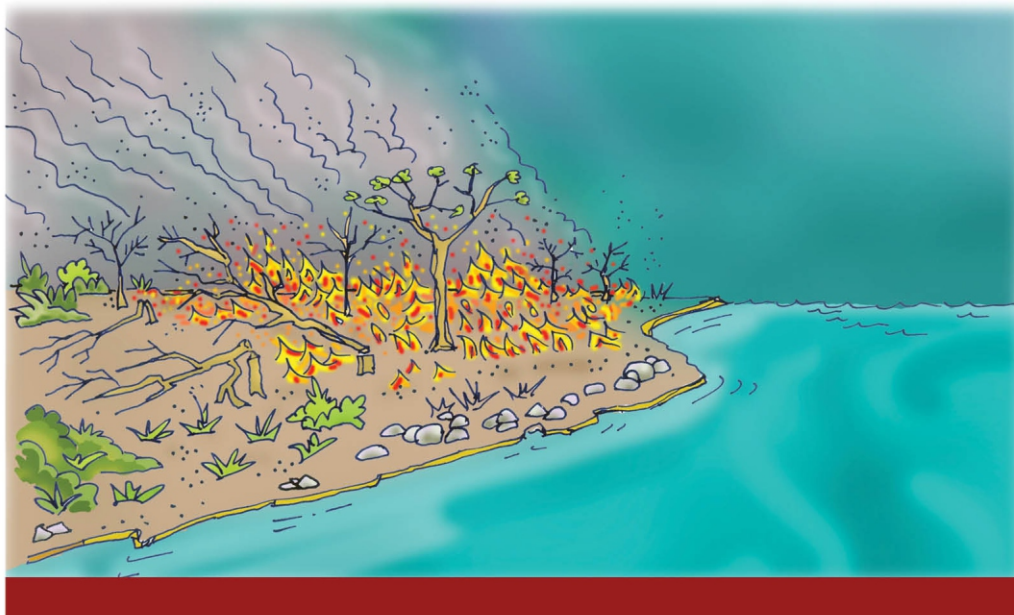
A Agrofloresta é uma forma de fazer agricultura na qual se cultiva, numa mesma área de terra, uma grande variedade de espécies. Plantas nativas, frutíferas, adubadeiras, medicinais e lavouras de ciclos médios e curtos. Esse processo deixa o solo sempre coberto pela matéria orgânica, cultivando muitos tipos de plantas juntas, não utilizando agrotóxicos ou fertilizantes químicos, o que faz com que seja mais difícil acontecer problemas de pragas ou doenças nas plantas cultivadas. Além disso, nesse tipo de sistema não é necessário queimar nem desmatar. Assim, a agricultora e o agricultor deixam a terra mais forte e conservam a água e a biodiversidade. Essa forma de trabalhar a terra procura imitar como a natureza se organiza. A Agrofloresta, ao ser praticada, aumenta a variedade da produção de alimentos para as famílias agricultoras. É importante também na produção de forragem para os animais.



A prática da Agrofloresta vem sendo feita por muitas famílias em seus quintais. Essa forma de trabalhar é inovadora e traz muitas mudanças nas estruturas das propriedades, assim como na forma como os agricultores e agricultoras veem a agricultura. Também traz mudanças significativas ao meio ambiente, pois o torna mais protegido em vez de degradado. Para se conservar esse ambiente em sua forma natural, a água passa a ser um fator fundamental da vida de várias espécies nativas da fauna e da flora, bem como imprescindível à permanência das famílias, especialmente em regiões secas, como é o caso do Semiárido brasileiro.

1.3.OS EFEITOS NEGATIVOS DA AGRICULTURA CONVENCIONAL

Na agricultura convencional, o ser humano tem se utilizado de meios que não estão em sintonia com a natureza. Os desmatamentos, a broca, o plantio morro abaixo, o aterramento das margens dos rios e riachos, as queimadas, a escolha pela monocultura, o uso de adubos químicos e agrotóxicos são práticas muito comuns e que provocam a erosão do solo. Além disso, estragam a terra e diminuem a produção de alimentos ano a ano. Também provoca, em algumas áreas, o processo de desertificação, que é o enfraquecimento e degradação do solo até que ele se torne improdutivo.



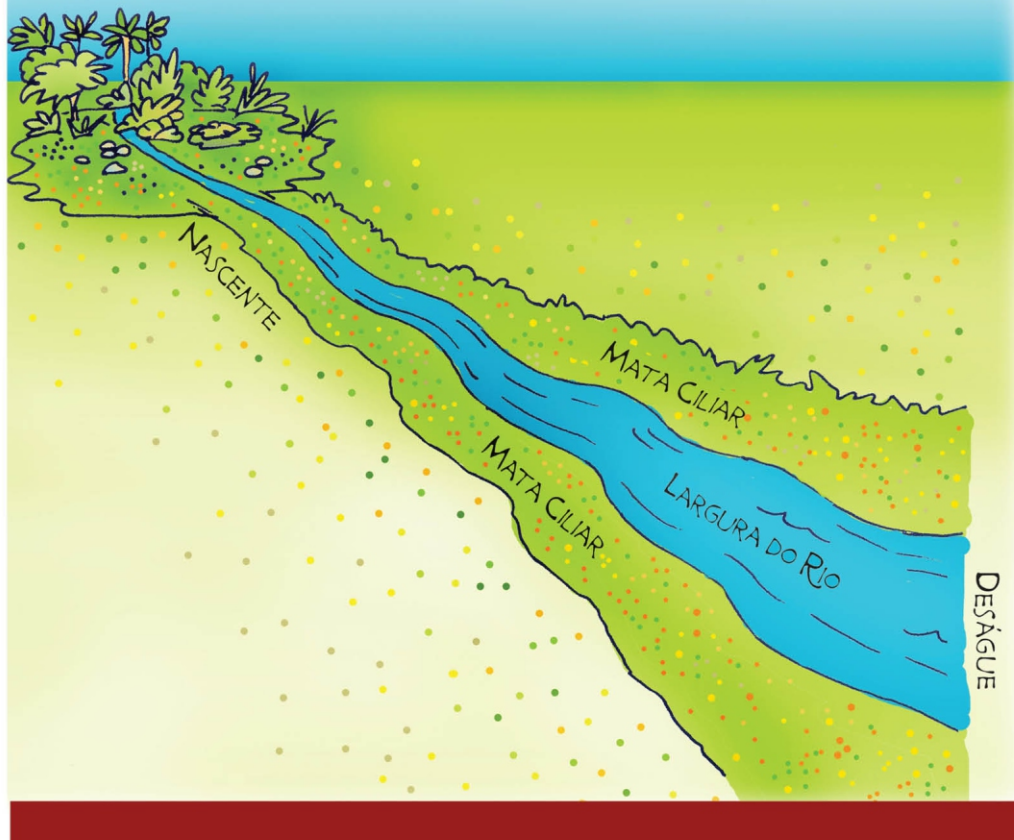
**VAMOS
REFLETIR
NA
COMUNI-
DADE?**

SUA EXPERIÊNCIA DE AGRICULTURA AUMENTA OU ENFRAQUECE A VIDA DO SOLO?

VOCÊ CONHECE AS PRINCIPAIS FONTES DE ÁGUA DE SUA COMUNIDADE E O ATUAL ESTADO DELAS EM SUA VAZÃO?

QUAIS AS PRINCIPAIS FONTES DE ÁGUA QUE VOCÊ DISPÕE E QUAL A SUA CAPACIDADE DE GUARDAR A ÁGUA NO PERÍODO DE FORTES ESTIAGENS?

ÁREAS DE PROTEÇÃO PERMANENTE - APPS



2.1.1. COMO PROTEGER AS MATAS CILIARES?

O Código Florestal Brasileiro é um conjunto de leis que regulamenta a forma como se usa a terra, respeitando sua vegetação. É o caminho legal para a garantia de proteção das Matas Ciliares, reconhecidas como Áreas de Preservação Permanente (APPs), que deveriam se manter intocadas e caso estejam degradadas, deve-se prever a imediata recuperação. Segundo o Código Florestal, as APPs estão localizadas em topos de serras e morros com elevada declividade; nascentes e margens dos rios e riachos e margens de lagos, barragens e açudes. Podemos proteger as Matas Ciliares quando não desmatamos, não fazemos fogo ou utilizamos essas áreas para o sistema de agricultura convencional.

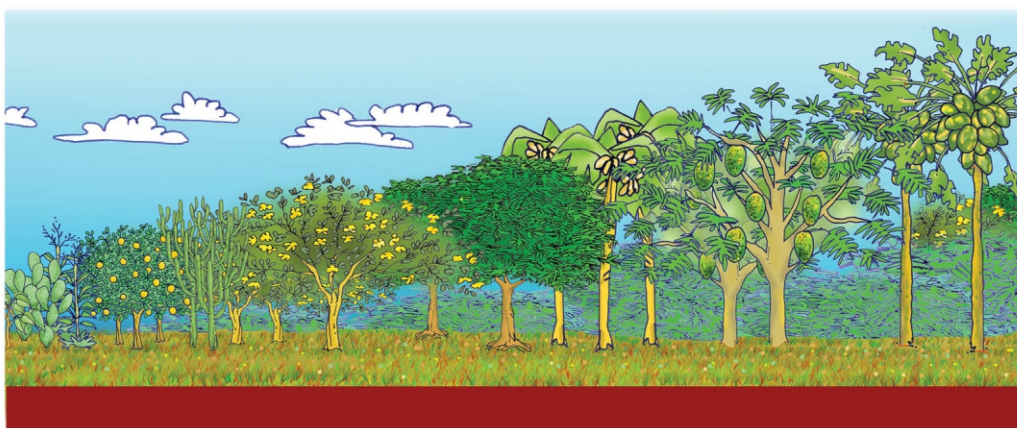
2.2. IMPLANTANDO UMA AGROFLORESTA

“À medida que ia trabalhando com SAFs, eu me motivava mais, porque acreditava e os resultados são positivos. Além da gente contribuir com um ambiente mais saudável”.

**Antônio Sabino - agricultor agroflorestal -
sítio São Bento - Santa Cruz da Baixa Verde/PE**

Agricultores e agricultoras são observadores natos da natureza. E é assim que eles planejam fazer suas Agroflorestas ou Sistemas Agroflorestais (SAFs). As experiências de planejamento dos SAFs, ao longo dos tempos, reconhecem a importância desse conhecimento construído pelos agricultores e agricultoras na observação do comportamento das espécies e sua adaptação ao meio em que vivem. É a partir dessa troca de saberes, fruto da observação diária das espécies, que eles e elas decidem o que plantar no ano seguinte, ou seja, planejam a produção.

Na área de uma Agrofloresta é fundamental ter vários tipos de espécies de plantas. O agricultor agroflorestal, José Milton Souza Leão, mais conhecido como Seu Miltinho, da comunidade do Carro Quebrado, município de Triunfo, em Pernambuco, dá a seguinte explicação: “Com a Agrofloresta temos um pouquinho continuado de cada coisa, em diferentes épocas. Além de nossas culturas anuais com o milho e feijão. E ainda fazemos a comercialização direta na feira agroecológica, eliminando os atravessadores”.



Com essa prática é possível encontrar na Agrofloresta as lavouras que garantem a alimentação e a renda da família durante todo o ano, como também as espécies nativas que servem de lenha, remédio para as famílias e alimento para as abelhas e animais. Quanto mais diversificado, mais sustentável será o sítio, com o beneficiamento das

Calendário Agrícola e Lunar para fazer uma Agrofloresta no Semiárido

Dezembro



- Para plantar milho, feijão, fava, guandu, sorgo, batata-doce, macaxeira, algodão, entre outras.
- Para plantar, com mudas e/ou estacas, plantas como a gliricídia, a mandioca, a pornunça, a leucena, o nim e as fruteiras.
- Fazer plantação de capim-elefante.
- Período de tratar o roçado, fazendo os manejos na agrofloresta.



É momento para fazer poda nas plantas para elas rebrotarem, fazer capina seletiva. No caso, retirar alguns tipos de capim e plantas que estão atrapalhando o desenvolvimento de outras.

Atenção:

- Observar o início das chuvas.
- As plantas que produzem fora do chão, como o feijão e o milho, é bom plantá-las na lua nova.
- As plantas que produzem debaixo do chão, como a batata-doce e a macaxeira, é bom plantá-las na lua minguante.

Março

Abril

Maio

- Para fazer a colheita do feijão.
- Para dobrar pé de milho, para que a palha proteja a espiga.



2.2.1.A PRÁTICA AGROFLORESTAL

*“A gente cria um carinho muito grande pelas plantas,
as vendo crescerem nos viveiros.
É uma verdadeira terapia”.*

**Gilvânia - agricultora -
comunidade do Jacaré - Parnamirim/PE**

Para fazer uma Agrofloresta, como estratégia de recuperação da Mata Ciliar, deve-se estar atento às seguintes práticas:

Prática 1: Preparação da área



A preparação do terreno é o primeiro passo na atividade prática para se fazer uma Agrofloresta de recuperação da Mata Ciliar. Devendo-se considerar as seguintes sugestões dos agricultores, agricultoras e técnicos/as:

os tipos de plantas típicas dessa localidade, é o momento de buscar as árvores que ainda existem na comunidade e fazer a coleta nas árvores mais vigorosas e saudáveis. Após realizar a coleta, é recomendado retirar as sementes de má qualidade e as sementes nativas. Elas devem ser armazenadas em recipientes bem fechados para sua conservação. De acordo com a especificidade de cada espécie, elas são depositadas em bancos de sementes, sendo devidamente identificadas e ficam aguardando o momento para serem utilizadas na produção de mudas.

b) Bancos de Sementes



Os Bancos de Sementes Comunitários ou Familiares são formas de armazenar devidamente as sementes nativas e agrícolas, garantindo plantio a cada ano no momento de necessidade das famílias. Na comunidade do sítio Carnaubinha, no Sertão do Pajeú de Pernambuco, o jovem multiplicador Pedro Isidório decidiu por um sistema de coleta de sementes individual, concentrando esforços num Banco de Sementes em que sua família estivesse envolvida. O jovem coletou sementes de espécies nativas e frutíferas e, também, recebeu sementes de outros agricultores e agricultoras da vizinhança para semear em seu viveiro. A troca de sementes e plantas entre agricultores e agricultoras é uma característica muito importante na reprodução da agricultura familiar e camponesa, principalmente porque junto das sementes e plantas também se trocam conhecimentos.



O substrato utilizado pode ser um composto orgânico, elaborado nas próprias comunidades, utilizando esterco, restos de culturas, serrapilha e terra. Esse substrato pode ser feito numa proporção de 30% do composto e 70% de terra fresca em cada sacola de 10 x 20 cm e 20 x 30 cm (de acordo com as necessidades de cada espécie). Diversas sementes são colocadas nas sacolas a 1 cm de profundidade ou mesmo apenas cobertas com uma fina camada de terra peneirada, facilitando a emissão dos brotos na superfície do substrato.

O Plantio Definitivo das Mudas

Depois de cultivadas devidamente nos viveiros, as mudas atingem uma “idade” para serem replantadas definitivamente na área escolhida para implantação da Agro-

3. PROJETO RIACHOS DO VELHO CHICO: A EXPERIÊNCIA DE REVITALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE MATAS CILIARES NO SERTÃO DE PERNAMBUCO, COM AGROFLORESTA

*“Meu Velho, meu Velho Chico,
Quem te viu e quem te vê!...
Não dá mais para acreditar!
Quem quiser te conhecer,
Pois esqueceram de ti,
Tão magro como um faquir
De ti querem esquecer”.*

(“A Morte do Velho Chico”, cordel do poeta Zé de Patrício)



Nos sertões do Pajeú e do Araripe de Pernambuco diversos agricultores e agricultoras vêm implementando experiências exitosas com Agrofloresta. São nesses territórios, localizados no Semiárido brasileiro, que a Agrofloresta, enquanto experiência inovadora e tecnologia social, tem contribuído para a recuperação e a preservação de Áreas de Preservação Permanente (APPs).



Essa experiência inovadora de revitalização vem sendo implementada a partir dos princípios da Agroecologia, que têm sido uma estratégia bem-sucedida para recuperar os solos e a biodiversidade de ambientes degradados, ao conter os processos de desertificação e erosão, recompondo, assim, as áreas de nascentes, olhos d'água e margens dos rios. A participação e gestão coletiva do conhecimento são princípios de implementação das atividades e, assim, juntam-se a agricultores e agricultoras familiares, lideranças comunitárias, professores da rede municipal de ensino e, sobretudo, jovens dos municípios de Triunfo e de Parnamirim. A execução desse projeto se dá em dois grandes grupos de ação: a sensibilização e educação ambiental com as comunidades ribeirinhas e a revitalização dos riachos Frazão e Queimadas.

3.1. ENCONTROS COMUNITÁRIOS DE PREPARAÇÃO DAS ATIVIDADES

"Tem sido muito importante participar das reuniões. Muitas coisas sobre a importância do meio ambiente que a gente não sabia, aprendemos a conhecer".

**Ivoneide - agricultora
comunidade do Jacaré - Parnamirim/PE**

sementes”, entre outras. Além das atividades de formação, os jovens estão em constante contato com os técnicos e as técnicas do Centro Sabiá e da Caatinga, que os assessoram de acordo com as necessidades. Eles/as ainda participam de intercâmbios de conhecimento com outros/as jovens e técnicos/as nas diversas articulações de formação e fomento da juventude, promovidos pelas organizações.

Com esta base técnica, os Jovens Guardiões Ambientais encontram-se preparados para construir com suas comunidades as diferentes etapas de implementação do projeto. Além disso, estão capacitados e motivados para desenvolverem as atividades que organizam, montando suas estratégias e as consolidando no seio de suas comunidades.

Estas estratégias baseiam-se nas motivações pessoais de cada um, assim como resultam do processo de entrosamento e planejamento com os outros Jovens Guardiões Ambientais, em seus respectivos territórios.

3.3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONTEXTUALIZADA NAS ESCOLAS

A ação das organizações Centro Sabiá e Caatinga enxerga na Educação Ambiental Contextualizada, construída a partir dos conceitos da Convivência com o Semiárido e da Agroecologia, um caminho muito importante para fortalecer a construção coletiva do conhecimento, firmando laços de comprometimento entre professores e alunos, com ações que melhorem a qualidade de vida, em forte conexão com o meio ambiente em que vivem. E essa metodologia foi reforçada na ação do projeto Riachos do Velho Chico.

Os princípios da educação ambiental contextualizada conduzem o projeto numa série de atividades entre alunos e professores, mas, também, com a comunidade onde estão inseridos, para mudarem de atitude frente aos desafios que a preservação e uso sustentável dos recursos naturais requerem. E para isto foram realizadas várias atividades de sensibilização conduzidas pela equipe das organizações, mas especialmente pelos Jovens Guardiões Ambientais.

Os Jovens são sujeitos dinamizadores da ação ambiental, pois estão próximos dos outros jovens e falam uma linguagem comum sobre os temas ambientais. Além disso, compartilham suas experiências na assessoria técnica junto aos agricultores e agricultoras de sua comunidade, gerando nos outros jovens sintonia e identidade.

3.5. A REVITALIZAÇÃO DOS RIACHOS FRAZÃO E QUEIMADA

“As árvores estão se acabando... É preciso preservar para os animais, para as águas e para todos nós”,

Leônidas Batista dos Santos - Agricultor
sítio Carnaubinha - Triunfo/PE

Revitalizar os riachos Frazão e Queimadas, que fazem parte de rios que compõem a Bacia Hidrográfica do rio São Francisco, é o principal objetivo do projeto Riachos do Velho Chico. Ao longo da cartilha, apresentamos como esse processo foi conduzido a partir da prática da Agrofloresta. E como a participação e a gestão coletiva do conhecimento podem criar uma compreensão e apropriação de técnicas capazes de reverter o quadro de degradação dos cursos d'água. Assim como garantir a produção de alimentos às comunidades envolvidas e um ambiente mais saudável para as gerações futuras. É com este espírito que o projeto desenvolveu as seguintes atividades:

3.5.1. COLETA DE SEMENTES NATIVAS

Nesta atividade, grupos de agricultores e de agricultoras e Jovens Guardiões Ambientais organizaram excursões para áreas da Caatinga, onde colheram várias espécies de sementes de plantas nativas. Momento em que a comunidade conjuntamente visita o ecossistema da Caatinga e coleta sementes variadas, tendo em vista o reflorestamento da Mata Ciliar dos Riachos Frazão e Queimadas. Essa experiência mostra para todos/as envolvidos/as que a Caatinga é muito diversificada, ao contrário do que muitos pensam. Esse bioma é pouco conhecido na melhor forma como ele pode ser manejado. Outro aspecto importante das excursões foi a sensibilização de todos ao entenderem a importância de coletarem as sementes, reconhecendo seus nomes, identificando as especificidades de seu habitat, mas, sobretudo, colhendo coletivamente as sementes para que fossem acondicionadas devidamente a fim de conseguir uma boa muda que venha a ajudar na reposição da cobertura vegetal da Mata Ciliar dos riachos.

Percebe-se que as experiências na coleta de sementes nativas são do conhecimento das próprias famílias do local. Ao reconhecer e valorizar esta prática entre os agricultores e as agricultoras, o projeto incentiva o gosto para tal assim como outras práticas de manejo florestal da caatinga. Como exemplo foi incentivada a criação de Bancos Comunitários de Sementes, tanto nativas quanto de outras espécies de interesse, para a produção de alimentos e mudas que servirão diretamente ao reflorestamento.

do Pajeú, e outras 10 no município de Parnamirim, no Sertão do Araripe. Esse processo envolveu as famílias beneficiadas com uma barragem subterrânea em seus terrenos. O que serviu de geração de renda naquele contexto de uma das maiores secas dos últimos 30 anos.

Com a chegada das chuvas e conseqüentemente a disponibilidade de água das barragens subterrâneas ao longo das encostas dos riachos Frazão e Queimadas, no inverno, almeja-se a sustentabilidade das ações de reflorestamento destas áreas, associando à estratégia de implementação de Sistemas Agroflorestais(SAF), para vir a fortalecer as ações realizadas ao longo do projeto, assim como apontar perspectivas de uma agricultura sustentável e diversificada.

3.5.3. INSTALAÇÃO DE VIVEIROS E PRODUÇÃO DE MUDAS

A etapa de produção de mudas foi um momento muito rico de protagonismo dos participantes, assim como o compartilhamento de experiências nas duas regiões. Depois de criarem os seus bancos de sementes, os agricultores e as agricultoras seguiram às etapas da metodologia de Agrofloresta para revitalização da Mata Ciliar na preparação dos viveiros. Como citado nesta cartilha, o bom acondicionamento das sementes, ou seja, a forma de armazenamento, assim como o local e a proteção necessários, foram discutidos e experimentados pelos participantes, considerando suas próprias experiências. Nas duas experiências os agricultores e agricultoras escolheram os recipientes para colocar as plantas de acordo com as suas experiências, condições e realidade local. A equipe técnica teve o cuidado de promover o uso de atividades eco-eficientes, por exemplo, na utilização de sacolas recicláveis ou reutilizáveis. O interessante é que no processo houve iniciativa de pessoas que preferiram iniciar a produção com recipientes de papel, reutilizando jornal.

A experiência dos viveiros também foi motivadora, especialmente para as agricultoras que viram nessa atividade uma grande chance de “se aproximarem mais da terra” e de terem uma alternativa própria de renda. Foi o caso de Cristina Valdilene, da comunidade de Carnaubinha, que acredita que o projeto Riachos do Velho Chico mudou completamente a sua vida. Hoje ela se sente “apegada à terra e às plantas”, faz planos para cultivar hortaliças tão logo as chuvas cheguem e encham a barragem subterrânea. Ela se alegra pela possibilidade de renda complementar com a venda das 11.500 mudas que produziu. Essas mudas, que serão usadas para revitalizar as margens do riacho Frazão, lhes trazem muito orgulho.

3.5.5. MUTIRÃO DE PLANTIO DE MUDAS

Esta foi uma das etapas mais importantes e esperadas pelos/as participantes ao longo da implementação do projeto Riachos do Velho Chico. Depois de um período de cultivo e de cuidado com as mudas, o projeto investiu na compra dessas mudas para implantação das áreas de Agrofloresta, iniciando o processo de recuperação da Mata Ciliar dos riachos Frazão e Queimadas. Os/as participantes recebem assessoria da equipe técnica do Centro Sabiá, Caatinga e dos Jovens Guardiões Ambientais, para garantir que o processo de implantação das áreas de Agrofloresta siga os procedimentos corretos.



Com isso, o projeto atende as suas questões propostas como a revitalização de áreas degradadas, proteção de nascentes e produção de alimentos, forragem e madeira. Em sua dimensão produtiva, o projeto garante a reflexão com as famílias sobre um processo produtivo consciente da importância do uso sustentável dos bens naturais, a partir da Agrofloresta, assim como ajuda às famílias a organizarem sua produção no manejo dos SAFs, preservando a natureza e garantindo melhores condições para sua reprodução social em pequenas áreas de terra.

técnicas para a agricultura. O projeto Riachos do Velho Chico viabiliza suas atividades com este princípio à baixo custo, além de fortalecer o protagonismo da juventude.

Uma Educação Ambiental contextualizada é um contributo fundamental para o entendimento da importância de um comportamento diferenciado ao lidarmos com os bens naturais e, especialmente, a água. A construção do conhecimento sobre o meio ambiente, assim como a elaboração de caminhos e propostas de superação dos desafios que temos nos dias de hoje, tem nas escolas um forte aliado. O projeto ao trabalhar com diretores, professoras, alunos e temas globais inseridos na realidade das comunidades faz com que a experiência do “meio ambiente” seja apropriada pelos estudantes com melhor compreensão das implicações que um problema local desencadeia em dimensão global. Sendo assim, essa experiência apresenta propostas curriculares bem concretas na formulação de políticas municipais e estadual de educação à serem implementadas na perspectiva do desenvolvimento territorial.

Com o projeto Riachos do Velho Chico, acreditamos que a agroecologia é, de fato, um caminho que revitaliza. Além dos anos de experiências bem sucedidas de diversificação agrícola, empoderamento de agricultores e agricultoras, sensibilização pela soberania alimentar e uma alimentação saudável, as Agroflorestas reconstróem ecossistemas degradados, como a Mata Ciliar, contribuindo para o uso cuidadoso e racional dos recursos hídricos tão escassos, especialmente, no Semiárido.

E esta experiência, ao reconhecer a dimensão produtiva que a recuperação de um ecossistema requer com a Agrofloresta, responde concretamente às necessárias novas práticas da agricultura diversificada e convívio com a natureza. Esta experiência dialoga de forma pró-ativa, sobretudo com a elaboração de políticas públicas de recuperação de ecossistemas degradados. Acreditamos que, à medida em que esta experiência é incorporada por outras organizações sociais, por instituições públicas de fomento da agricultura familiar e de recuperação ambiental na aprovação de projetos e atividades, responde-se com propostas concretas às políticas estaduais de recuperação de ecossistemas degradados. Ainda haverá uma maior eficiência na aplicação dos recursos. Acreditamos também que esse diálogo construtivo siga seu curso na continuidade do envolvimento das experiências exitosas que partem das organizações da sociedade civil, como na construção e reflexão nas políticas de convivência no Semiárido pernambucano.

Realização



Patrocínio

